

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 12, número 2 (2021)

ISSN: 2177-2886

Apresentação

Machismo, Interseccionalidade e Território: Uma Perspectiva da Geografia Feminista

A ideia do dossiê aqui apresentado surgiu em meio a um contexto de turbulência para as diferentes mulheres que são impactadas pelo contexto territorial e afetadas com maior força por conta da pandemia Covid-19, que tem alterado e intensificando problemáticas antes já existentes. Apesar de ser um problema de saúde pública ele influencia diretamente na vida em sociedade como um todo. Esses problemas estão relacionados ao crescimento da violência contra as mulheres, jornada tripla de trabalho, pobreza, aumento das responsabilidades com os cuidados aos familiares, idoso e crianças, considerando o contexto histórico da formação familiar brasileira pautada no modelo escravista patriarcal e capitalista que trouxe como consequência discursos e práticas racistas, machistas e classistas, naturalizando as desigualdades de gênero, submetendo a mulher a situações de inferiorização e submissão ao homem.

Nessa perspectiva, para abarcar a todas as mulheres se torna necessário partir do pensamento de Crenshaw (2002) quando recomenda a interseccionalidade como metodologia de abordagem tem o intuito de sugerir meios para a compreensão das existências de experiências singulares de mulheres étnica e racialmente identificadas. Para esta autora, diversas vezes, as experiências são inviabilizadas nos discursos sobre direitos humanos universais, que na verdade só representava as experiências dos homens ou mulheres brancas e homens negros, porém, a mulher negra ficava e fica esquecida, como se não existisse.

Visto isso, a questão do contexto territorial pode ser considerado como um dos aspectos sociais que atravessam as mulheres, visto que remete às relações de poder ligadas à soberania e à segurança que podem demarcar um lugar subalterno ou não em que ela se encontra inserida. Esta tendência tem obscurecido a possibilidade de uso da ideia de território e poder pelo viés da sexualidade e de outros eixos estruturadores de opressão, também chamados de marcadores sociais como raça, gênero e classe, por exemplo. Contudo, a reivindicação do uso do conceito de território que extrapole a sua relação com o poder de Estado tem sido realizada na Geografia. (SILVA, ORNAT; 2016).

Considerando esse contexto, o objetivo aqui foi preparar um dossiê temático para problematizarmos essa discussão a partir da perspectiva de pesquisadoras e pesquisadores do eixo Norte-Nordeste e Centro Oeste sobre esse processo com o intuito de dar visibilidade e também fortalecer as pesquisas sobre gênero em uma perspectiva da interseccionalidade e das geografias feministas. Esse dossiê é composto por 10 artigos, com pesquisadoras como primeiras autoras, com vista a dar visibilidade a artigos de mulheres, pois as mulheres são compreendidas numa

perspectiva plural e ampliada.

Assim, abrindo o dossiê temos o artigo das organizadoras “Educação Transgressora no Espaço Escolar: considerações sobre corpo em uma perspectiva interseccional” de Francisca Kananda Lustosa dos Santos e Elaine Ferreira do Nascimento, no qual as autoras tratam sobre o corpo e o espaço em que as sujeitas estão inseridas, tendo sido alvo de amplas discussões nas últimas décadas, com vista a diferentes aspectos, contextos, práticas e significados. Nesse sentido, as autoras usam duas abordagens: Geografias Feministas e a Interseccionalidade para analisar como os corpos de meninas negras são vistos e tratados no espaço escolar e de que forma a sua própria identidade é construída a partir daquele espaço em que elas se encontram. Por fim, a própria escola pode ser usada como espaço e instrumento de superação da ordem que impõe e reproduz as opressões às corpos negras por meio de uma educação que pode ser transgressora.

O segundo artigo que se chama “Mulheres: organização, resistência e sobrevivência na catação de material reciclável” escrito por Amanda Motta Castro, Cristiane Troina Ferreira e Raylene Barbosa Moreira, visa proporcionar um espaço para contar histórias de vida de mulheres que trabalham na catação de materiais recicláveis na Cooperativa de Reciclagem Santa Rita, localizada na cidade de Rio Grande/RS. Concluída no período da pandemia de Covid-19 a pesquisa permite que encontremos recortes de raça, classe e gênero, bem como os lugares que as mulheres catadoras ocupam na sociedade. A pesquisa conclui que, principalmente considerando o contexto da Covid-19, a classe subalternizada fica ainda mais em evidência, privilégio de aderir o “fique em casa” de algumas pessoas em detrimento de outras, a construção coletiva da identidade dessas mulheres e o direito de ser mulher, compreendendo sua importância e lugar no mundo.

O terceiro artigo tem por título “Vidas precárias de travestis negras: uma geografia do machismo e da transfobia em Parnaíba-PI” elaborado por Jessyka da Silva Rodrigues, Letícia Carolina Pereira do Nascimento, Rafael Martins de Meneses, Valdenia Pinto de Sampaio Araújo, nos conta um pouco sobre as experiências de violências contra travestis negras frente ao machismo e à transfobia no contexto de pandemia da Covid-19. Em termos metodológicos, utilizaram a cartografia com uso de diários afetivos que possibilitam um denso mergulho nos territórios, traçando uma geografia das violências contra travestis negras na cidade de Parnaíba-PI. De acordo com dados da ANTRA, travestis negras representam em média 80% dos casos de transfobia letal no Brasil, o que coloca esses corpos na mira da afronecrotrofobia. Constata-se que o processo pandêmico intensificou a situação de vidas precárias de travestis negras.

O quarto artigo é “Luta é um substantivo feminino: o papel das trabalhadoras de saúde nordestinas no enfrentamento da Covid-19” escrito por Liana Maria Ibiapina do Monte, Isabele Bandeira de Morais D’Angelo, George André Lando, Alessandro Pelópidas Ferreira de Queiroz, traz uma pesquisa que reflete sobre a importância do trabalho realizado pelas profissionais de saúde durante a pandemia da Covid-19 e identifica os principais impactos decorrentes do enfrentamento da mesma. Para tanto, utilizou-se de abordagem quantitativa, do tipo analítica e exploratória. As informações coletadas por

Elaine Ferreira do Nascimento, Francisca Kananda Lustosa dos Santos

meio de questionário (*Google Forms*) via remota no período de janeiro a março de 2021, em três estados da região do Nordeste brasileiro. Os principais resultados apontam que os riscos e desafios são imensos para as/os trabalhadoras/os de saúde que se encontram na linha de frente, mesmo quando possuem os equipamentos de proteção adequados (até abril de 2020, 4.590 denúncias por falta de fornecimento adequado de EPIs já haviam sido recebidas pelo Cofen) há uma real possibilidade de contágio durante o que é chamado tecnicamente de “desparamentação”.

O quinto artigo é “Desafios que limitam e fortalecem: estratégias de cuidado em uma universidade durante a pandemia da Covid-19” produzido por Telma Low Silva Junqueira, Danielly Spósito, Cristina Azevedo, Mariana Tavares, trata sobre como a pandemia da Covid-19 afetou nossas rotinas nos diversos contextos – pessoal, familiar, social e laboral – trazendo desafios que também nos proporcionaram diferentes aprendizados, como a formação e o fortalecimento de alianças e a partilha de afetos que se estenderam do modo presencial para o virtual. Neste artigo, buscaram dialogar acerca de algumas das experiências que construíram como educadoras no marco do trabalho remoto em uma universidade pública federal de uma das capitais do Nordeste do Brasil, como docentes de psicologia e serviço social que atende discentes com deficiência.

O sexto artigo tem por título “Espaço da Casa, Cenário da Morte: uma abordagem interseccional sobre os feminicídios no estado do Piauí no contexto da pandemia” de Rossana Maria Marinho Albuquerque e João Marcelo Brasileiro de Aguiar, visa mostrar como no ano de 2020, em virtude da pandemia ocasionada pela covid-19, teve como uma das consequências o protocolo sanitário de distanciamento social, o espaço da casa se configurou como local de proteção contra a disseminação do vírus e, por outro lado, um cenário social em que se intensificaram fenômenos já existentes, a exemplo da violência doméstica contra as mulheres. No artigo, analisou-se as particularidades das ocorrências de feminicídio no estado do Piauí, durante o contexto de pandemia, observando o espaço da casa como cenário das relações de poder, dominação masculina e produção da violência letal.

O sétimo artigo que compõe este dossiê é chamado de “BBB-2021 e as representações de machismo, racismo, xenofobia e LGBTQfobia” de Valdenia Guimarães e Silva Menegon, Geyciele Quezia Dourado, Iasmin Talita Abreu Barros e Lígia Emanuela Costa Alves, trata sobre as representações em torno da participação de negros e negras na 21ª edição do Big Brother Brasil. A edição 2021 é a que teve a maior participação de negros, o que aparentava um avanço da diversidade na mídia nacional. O objetivo é analisar o impacto racial/social das representações negras nas mídias e de que modo as falas destes participantes impactaram de forma negativa sobre a compreensão de xenofobia, racismo, feminismo, sexualidade e militância. Trata-se de uma revisão de literatura alinhada à análise documental, em que são analisadas falas dos participantes e internautas. A emoção dos participantes, sempre à flor da pele, levou a diversos conflitos. Algo, no entanto, chamou a atenção: o envolvimento direto de pessoas pretas na maioria das polêmicas. As falas de participantes negros acabaram por sedimentar no imaginário popular ideias, extremamente perigosas de xenofobia, racismo, assédio, violência psicológica,

Elaine Ferreira do Nascimento, Francisca Kananda Lustosa dos Santos



LGTBfobia, desrespeito às religiões de matrizes africanas. Por outro lado, a cultura do cancelamento exprime racismo disfarçado de opinião.

O oitavo artigo “Mulheres, classe social e violência de gênero em tempos de pandemia.” feito por Maria Mary Ferreira Ferreira, Neuzeli Maria de Almeida Pinto e Pollyana Gonçalves dos Inocentes, retrata como a sociedade de classe/sociedade capitalista é marcadamente cruel, violenta, excludente e perversa para com os que se encontram na base da pirâmide, ou seja, os pobres, as mulheres e os negros, seguramente os que vivem em situações de maior vulnerabilidade. Mas, não se pode desconsiderar que entre as mulheres, existem aquelas que são ainda mais excluídas, mais estigmatizadas, e as que sofrem mais violências: as negras e as pobres. Os estudos e pesquisas que realizam ao longo de suas trajetórias de pesquisadoras reforçam essa assertiva e retratam que nas sociedades de classe as relações de gênero, de raça e etnia se entrecruzam em interseccionalidades que precisam ser melhor refletidos nos estudos e pesquisas, para que se possa reconstruir novas relações, unificar as lutas sociais e sonhar com uma sociedade sem divisão de classe, sem racismos e sem machismos.

No que se refere ao nono artigo, este é denominado de “Combate do feminicídio político na luta antirracista: o caso da vereadora Marielle Franco” elaborado por Brenna Galtierrez Fortes Pessoa e Elaine Ferreira do Nascimento, faz uma análise crítica sobre a força de Marielle Franco, vereadora negra e periférica vítima de feminicídio político, que conseguiu fazer com que a sua voz ressoasse na arena política/pública de forma que várias mulheres passaram a contribuir com as suas lutas, tendo como pergunta do artigo: Como o combate do feminicídio político pode ser um ganho na luta antirracista? Com o uso do método bibliográfico de abordagem qualitativa, utiliza-se o conceito de antropocentrismo para entender a vida e a morte de Marielle Franco, observando as potencialidades discursivas da sua trajetória, principalmente política, e de como isso pode possibilitar mais um passo para a luta antirracista no âmbito das políticas públicas e das geografias feministas junto com o conceito interseccional e de dados secundários.

E, por fim, o último artigo “Violência contra as mulheres no contexto da pandemia de Covid-19 no norte do Brasil: notas sobre a geografia feminista” de Elza Beatriz Barros de Paiva, Ana Paula Pereira Nabero e Breno de Oliveira Ferreira, retratam que o artigo tem como objetivo delinear o fenômeno da violência contra as mulheres durante a pandemia da Covid-19 nos estados que compõem o Norte do Brasil. Fundamentando-se nos aportes teóricos das geografias feministas e da interseccionalidade e nos aspectos sócio-históricos e culturais que compõem o cenário estudado. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica em sites, boletins oficiais e trabalhos científicos e, a partir dos resultados e das discussões desenvolvidas, verificou-se escassez de informações, denunciando o silenciamento das mulheres nortistas, que possuem particularidades de acordo com o espaço, a cultura e os marcadores de raça, classe e gênero, e que foram acentuadas pelas mudanças acarretadas.

Assim, o dossiê numa perspectiva coletiva, através de suas autoras em parceria com seus colaboradores nos estimula a refletir em tempos tão difíceis que é possível encontrar caminhos que nos tire dessas rotas de colisão em que nos encontramos, em que aparentemente não há saída. Essa apresentação é

Elaine Ferreira do Nascimento, Francisca Kananda Lustosa dos Santos

produzida em plena primavera, portanto uma revolução está em curso, apesar de tempos sombrios, a chama da esperança faz brotar a semente nos territórios dos corações insubmissos das normas dos gênero, dos espaços, das transgressões, desejamos que todas as fronteiras sejam borradas e que o novo amanhã ressurja!

Boa leitura!.

Elaine Ferreira do Nascimento
Fundação Oswaldo Cruz / FIOCRUZ- Piauí
Universidade Federal do Piauí

Francisca Kananda Lustosa dos Santos
Universidade Federal do Piauí

Editoras

Referências

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Márcio José. Mundialização do conhecimento científico e controle do privilégio epistêmico na geografia: poder e sexualidades no Brasil. **GEOgraphia** (UFF), v. 18, p. 43-61, 2016.

CENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, p. 171-188, 2002.

